

POLÍTICAS PARA A AGRICULTURA*

Eliseu Roberto de Andrade Alves¹

O tema que nós queremos discutir aqui está bastante relacionado com o que temos considerado como os dilemas que a agricultura brasileira está enfrentando. A idéia fundamental é que a agricultura no Brasil passou, e ainda está passando, por uma transformação interna muito intensa; essa transformação, no fundo, conforme as avaliações, tem levado a demanda de produtos agrícolas a crescer a uma taxa de, pelo menos, 6,5%, segundo estimativas disponíveis. Esse crescimento potencial da demanda é de ordem de 2,3%, como consequência do crescimento da população, sendo uma grande parte em função das necessidades de exportação (para fazer face às demandas que vêm do setor externo, ou seja, da área internacional), uma grande parte para pagar um déficit que a agricultura brasileira, ou a sociedade brasileira, tem com os setores mais pobres da população (que realmente perderam muito em matéria do estado nutricional desde a década de 70), e também a demanda que vem da área nova, basicamente para toda a agricultura mundial, que é a área da energia. Quer dizer que, se juntarmos isso tudo, o crescimento da população, a mudança de localização dessa população, a necessidade de exportar cada vez mais (a fim de se enfrentar o enorme débito que o Brasil tem com a área internacional), a necessidade de realocar recursos da agricultura (para que ela produza mais energia), e ainda a necessidade de se recuperar o nível nutricional da população brasileira, as estimativas mostrarão que nos próximos anos nossa agricultura deveria estar crescendo, pelo menos, a uma taxa de 6,5% ao ano.

Seria interessante perguntar a que taxa a agricultura brasileira vem crescendo. Os dados demonstram que se considerarmos os períodos maiores, em que se procuram eliminar influências dos ciclos de depressão e dos ciclos de crescimento exagerado, nós vamos encontrar a agricultura brasileira crescendo a uma taxa de 5% a.a., considerada muito elevada. Mas, posto isto, verificamos que, para satisfazer todas as necessidades aqui mencionadas, a agricultura ainda precisa crescer, pelo menos mais 1,5%. Isto coloca, portanto, uma pressão muito grande sobre o

* Transcrito de palestra gravada em 09.10.84.

¹ Presidente da EMBRAPA.

setor produtivo. Perguntamos agora, como é que essa pressão vai se refletir sobre a oferta? Tradicionalmente, aqui no Brasil, a oferta agrícola cresceu via expansão da fronteira agrícola. Essa foi a tradição brasileira basicamente até a década de 50, e ainda é a tradição brasileira do presente momento. A expansão da fronteira agrícola contribuiu para explicar grande parte do crescimento da produção agrícola deste país.

Mas, se também examinarmos as estatísticas de crescimento da fronteira agrícola, colocando de lado as questões relacionadas com o crescimento de um produto e o decréscimo de outro, isto é, se observarmos o que realmente se chama de crescimento da fronteira agrícola (eliminando também as confusões, por exemplo, de muita gente que fala que as fronteiras agrícolas estão crescendo sobre o cerrado, quando na realidade o que se observa aí é uma intensificação da agricultura, já que uma grande parte dos cerrados brasileiros estão ocupados por uma pecuária de caráter extensivo), portanto, se colocarmos as estatísticas dentro de uma definição correta de expansão da fronteira agrícola, ou seja, a ocupação daquela área que ainda não foi utilizada pela agricultura, nós vamos verificar que, mesmo nos períodos melhores da nossa história, nunca houve uma contribuição ao incremento da oferta de alimentos superior a 4% a.a.

Possivelmente, o que podemos estar tendo é um crescimento da ordem de 3% a.a. Portanto, temos uma defasagem muito grande (de cerca de 3%), que fatalmente terá que vir como consequência do incremento da produtividade da terra. Mas, existem mais coisas ainda para complicar esta situação.

Se examinarmos as possibilidades de incremento da fronteira agrícola brasileira, vamos verificar que essas são bem mais complicadas no dia de hoje do que o foram no período da década de 50, quando contávamos, principalmente, com as fronteiras fertilíssimas do Paraná, próximas aos nossos centros consumidores. Onde está a fronteira agrícola do Brasil? Predominantemente está na região amazônica. E, como sabemos, a região amazônica possui características atípicas, pois do ponto de vista de mercados, ela se encontra distante da maioria deles; não tem infra-estrutura, oferece problemas sérios à saúde humana e, sobretudo, a grande parte de suas terras tem fertilidade muito baixa.

Agora, se considerarmos que fertilizantes, assim como insumos modernos deverão ser levados para essa região, deslocando-os quem sabe, a 2.000 ou 3.000 quilômetros de distância, trazer os produtos de lá para cá, percorrendo os mesmos quilômetros, verificaremos quão eficiente deverá ser aquela agricultura, para que possa competir com a agricultura do Centro-sul, considerando os custos de transporte e os custos desses insumos modernos. É claro que há, lá na região amazônica, a possibilidade de se produzir; nós já estamos produzindo uma gama enorme de produtos que são competitivos para a região amazônica, que são apropriados e que são ecologicamente certos para aquela região. Ninguém vai questionar as possibilidades da pecuária de corte e da pecuária extensiva naquela região; ninguém vai questionar, também, as possibilidades de exploração florestal, de dendê, de seringueira, de guaraná, e de uma série de outras culturas que são pertinentes e adaptadas à região amazônica. Mas, quando falamos das culturas principais de consumo aqui do Centro-sul — principalmente o arroz, o feijão e a soja —, é claro que a região amazônica oferece complicações do ponto de vista de transporte, do ponto de vista de infra-estrutura e do ponto de vista de tecnologia, porque uma grande

parte da tecnologia apropriada para estas culturas ainda está por ser desenvolver naquela região.

Conseqüentemente, nós estamos vivendo, nos dias de hoje, um quadro de conquista da fronteira agrícola muito mais complicado do que aquele que tivemos no passado. Portanto, essa diferença de 3%, que terá que vir como incremento de produtividade da terra, é muito mais dramática nos dias atuais.

Ainda há um fator importante a mencionar: se examinarmos, cuidadosamente, como foi feita a conquista da fronteira agrícola brasileira, vamos verificar que ela foi feita com mão-de-obra abundante, baseada no machado, na foice e na caixa de fósforos. O Machado e a foice derrubavam a floresta, a caixa de fósforos a incendiava e, depois, a enxada fazia o plantio; quer dizer, uma conquista baseada, estritamente, no uso intensivo da mão-de-obra. Hoje, entretanto, uma grande parte dessa mão-de-obra não está mais no meio rural; o êxodo rural, segundo as estatísticas do IBGE (embora haja muita controvérsia em torno dessas estatísticas), foi capaz de drenar uma quantidade de habitantes do meio rural superior, na década de 70, a 14 milhões de pessoas e, pela primeira vez na nossa história, tivemos um decréscimo absoluto da população que vivia no meio rural, em 1980 em relação a 1970, de cerca de 2.400.000 pessoas. Portanto, não existe abundância de mão-de-obra, não existem mais possibilidades de se utilizar os recursos que foram utilizados no passado. Até a abolição da escravatura, tínhamos a mão-de-obra escrava e, depois desta, nós abrimos os portos à imigração; vieram para cá italianos, japoneses e chineses, orientais e europeus, gente de todas as nacionalidades que vieram compor o tipo de etnia existente no Brasil. Essa imigração permitiu, exatamente, resolver os problemas de mão-de-obra que apareceram no auge dos ciclos da agricultura brasileira, como o ciclo da cana-de-açúcar, do café, do pau-brasil, etc.

Hoje, temos um problema sério de emprego na economia brasileira; é claro que o governo brasileiro está oferecendo todo o tipo de restrição à imigração. Portanto, temos que conviver com um quadro de escassez de mão-de-obra na nossa agricultura. Este quadro tenderá a ser cada vez mais escasso, cada vez mais complicado, na medida em que as forças de atração das cidades e as forças de expulsão da mão-de-obra, que estão agindo dentro do meio rural brasileiro, acabem completando uma situação, um cenário em que, possivelmente na virada do século, apenas 20% da população brasileira viva na área rural. Esta falta de mão-de-obra, evidentemente, vai complicar muito a conquista da fronteira agrícola; esta conquista se fará diante de um quadro, de uma tecnologia de natureza bioquímica que se tornará o substrato essencial e fundamental, para que a tecnologia mecanizada tenha condições de pagar seus custos.

Então, dentro dessa situação, temos um quadro de médio e longo prazos; na realidade, teremos uma pressão muito grande para o aumento da produtividade da terra e do trabalho, aqui no Brasil. Mas, ainda é importante salientar outro fato: a urbanização muda drasticamente o padrão de consumo das populações. Uma das crises mais sérias que estamos enfrentando, na sociedade brasileira de hoje, é exatamente a dramaticidade da mudança desses hábitos de consumo, em que um grande grupo da população está adquirindo padrões de consumo tipicamente de uma população urbanizada, compatíveis com os países da Europa, dos Estados Unidos e do Canadá, e uma grande parte da nossa população, a população mais pobre (que migrou do meio rural em tempos mais recentes), que não teve condições de se ajustar

às condições do meio urbano, mantém um padrão cuja tradição ainda é a rural.

Os nossos agricultores, evidentemente, têm seus objetivos voltados para as grandes transformações da sociedade brasileira e vêm, cada vez mais, ajustando seu aparato produtivo para atender a essas populações, que já se ajustaram ao padrão de urbanização (que é um padrão universal), ou seja, um maior consumo de proteínas de origem animal, de frutas e de hortaliças. Então, é claro, à medida em que a agricultura se ajusta a esse padrão de consumo, a esses produtos que têm uma elasticidade de renda muito maior, essa agricultura começará a tirar recursos dos produtos que são exatamente os compatíveis com essa fase de transição de hábito de consumo de uma sociedade rural, para uma sociedade urbana.

Começamos, então, a ter problemas com a produção de feijão, de mandioca e de arroz, exatamente os produtos que constituem a cesta básica de consumo nos segmentos mais pobres da população que vive no meio urbano. Na década de 70, estudos mostraram que os preços dos produtos dessa cesta subiram a taxas muito mais elevadas do que os preços dos produtos consumidos pelos setores mais abastados da nossa sociedade.

Muita gente acha que isto é conseqüência do enfoque político do governo, que discriminou os pequenos produtores que são, basicamente, os que produzem mais arroz, feijão e mandioca neste País. Particularmente, acho que essas políticas têm muito a ver com este problema, mas acredito que estamos vivendo um fenômeno bem mais profundo, que é o ajustamento da nossa agricultura a um potencial de demanda (a demanda interna do setor urbano) que hoje está muito mais compatível, mais ligado e emparelhado à demanda que vem da área internacional, que já é uma demanda de uma sociedade urbanizada. Os nossos agricultores, que não são tolos, evidentemente estão procurando direcionar a sua produção para os produtos que alimentam os animais, como a soja e o milho, para as hortaliças e os produtos relacionados com frutas. Esse ajustamento, naturalmente, tira uma grande parte da aptidão para produzir o arroz, o feijão e outros produtos que são característicos do consumo das populações mais pobres.

Estou falando tudo isto porque estamos num seminário de fertilizantes, e a pergunta que se deve fazer agora é a seguinte: quanto ao cenário que rapidamente traçamos aqui, qual é o seu impacto no consumo de fertilizantes? Começando do fim para o começo, as mudanças dos hábitos de consumo no Brasil, estão todas na direção de produtos altamente consumidores de fertilizantes.

Na realidade, as mudanças dos hábitos de consumo estão todas na direção desses produtos. Devemos prever, como já está acontecendo com a soja, um incremento tremendo na produção do milho, dos produtos relacionados com hortaliças e frutas, altamente consumidores de fertilizantes, e também de todos esses produtos, já ligados a uma agricultura que se modernizou e que tem todo o conhecimento do valor e da necessidade de fertilizantes para se ter taxas de aumento da produtividade. Portanto, dentro da sociedade brasileira, a mudança dos hábitos de consumo está na direção, também, de um maior consumo de fertilizantes.

Todo o mundo sabe que a terra é um substituto de fertilizantes. No passado, ao invés de colocar fertilizantes, os agricultores, havendo abundância de mão-de-obra, procuraram as matas virgens, a fertilidade dessas matas; as derrubaram e geraram os produtos, adubando esses produtos com o próprio adubo que a natureza

construiu através de milênios. Cortamos as matas e estas matas ficaram longe e em cima da terra pobre. Agora não há mais esse procedimento de fazermos a fertilização através de uma agricultura andante sobre o território nacional. Temos que substituir essa técnica do passado, por uma técnica baseada na mesma idéia da riqueza de nutrientes para as plantas, mas agora essa riqueza terá que ser colocada pelo homem, sem se beneficiar daquilo que a natureza construiu através de milênios. Portanto, hoje, esse crescimento da produtividade da terra está fundamentalmente ligado à possibilidade de termos que aumentar os índices de fertilização da nossa agricultura; depois, vamos discutir o que quero dizer com esse aumento.

Não há como escapar disso. Se tentarmos fugir e nos basearmos na idéia antiga de aumentar a produção brasileira via expansão da fronteira agrícola, é claro que não teremos como fazer face a essa demanda que cresce, pelo menos, a 6,5% ao ano. Mais ainda, mesmo a própria conquista da fronteira agrícola, num quadro de escassez de mão-de-obra, vai depender do uso de fertilizantes. Podemos ter uma euforia, como muita gente está tendo em Rondônia, de 3, 4 ou 5 anos de boa produção, quando se explora a fertilidade natural da mata (como se fez no passado), mas na medida em que conquistarmos a pequena faixa realmente fértil na Rondônia, vamos encontrar problemas sérios de consumo de fertilizantes, a ponto de ameaçar a estabilidade da produção de grãos para o próprio abastecimento local. Mas, muita gente poderia até dizer que existe um paradoxo: quanto mais fértil a terra, mais fertilizantes se consomem. Realmente, o consumo de fertilizantes é diretamente proporcional à fertilidade da terra, porque as agriculturas prósperas do mundo estão estabelecidas em cima de terras férteis e aprenderam que, mesmo nessas terras férteis, a resposta de fertilizantes é extremamente interessante e importante para fazer face ao crescimento da demanda de alimentos.

Outro ponto importante, que muita gente esquece, quando se começa a falar em fronteira agrícola aqui no Brasil é que aquele padrão de variedades de arroz, algodão, milho e outras culturas tradicionais, capaz de produzir sem fertilizantes, está rapidamente desaparecendo do cenário brasileiro. As novas variedades, colocadas aqui, embora não tenham a mesma necessidade de fertilizantes que têm as variedades dos países mais avançados, são muito mais exigentes, para que sejam capazes de dar uma resposta adequada.

Também, há um outro ponto importante: na medida em que chega a monetarização do salário no meio rural e o encarecimento desse salário, como consequência dos processos de migração, é claro que vamos ter uma necessidade muito grande de aumentar a produtividade da mão-de-obra, para fazer face a esse aumento de custo da folha de pagamento. Agora, como é que aumentamos a produtividade da mão-de-obra? Evidentemente, há dois procedimentos: um, através da tecnologia mecânica, que tem a capacidade de permitir que cada homem cultive uma área maior, e outra, inegavelmente, através da tecnologia bioquímica, que permite também que cada homem seja capaz de produzir uma quantidade maior de grãos.

O encarecimento da mão-de-obra demandará tecnologias que têm capacidade de aumentar a produtividade de trabalho. Se for pequena a expansão da área que cada trabalhador é capaz de cultivar, parte do aumento da produtividade do trabalho deverá vir como consequência do incremento da produtividade da terra. Fará portanto crescer o consumo de fertilizantes. A mudança de hábitos de consumo significará produção de produtos que consomem mais fertilizantes. A expansão da fron-

teira, que continuará a ocorrer sempre em menor escala, se fará sobre terras mais pobres que, de início, já requerem fertilizantes. Dessa forma, os sinais da demanda de alimentos são compatíveis com o incremento do consumo de fertilizantes.

Mas, os sinais positivos sempre tendem a ser ofuscados pelos sinais negativos. Quais são os sinais negativos que temos dentro do cenário brasileiro? O nosso companheiro Ikeda mencionou alguns deles aqui. Esses sinais negativos estão muito mais ligados à conjuntura. No meu modo de ver, não são coisas que deverão perdurar por um tempo muito grande. Basicamente, esses sinais são: racionamento de crédito, taxas de juros elevadas, restrições às importações e uma conjuntura econômica que, na realidade, não tem permitido que o Brasil tenha uma política agrícola tão coerente quanto gostaríamos que ela fosse, no sentido de estimular, realmente, o crescimento da agricultura, para que ela pudesse atingir o nível de 6,5%, aqui mencionado.

Esses sinais que são de natureza conjuntural, é claro, estão preocupando vocês diariamente e, às vezes, por se preocuparem demais (porque, se não se preocuparem com os sinais do dia-a-dia, vocês não vão sobreviver como indústria ou como industriais), esquecem dos sinais que têm uma permanência mais duradoura e um fundamento muito maior, no sentido de realmente se permitir ajustar o crescimento da indústria ao potencial da demanda existente no País. Mas há sinais negativos de caráter muito mais duradouro.

Há, não só do lado da indústria como do lado de todas as instituições de pesquisa, no Brasil e no mundo inteiro, uma preocupação para se reduzir o consumo de fertilizantes por quilo de grãos produzidos. Quer dizer, estão sendo criadas novas tecnologias com a capacidade de, de um lado, assegurar o crescimento da produtividade da agricultura e, de outro, permitir que se tenha um consumo menor de fertilizantes por quilo de grãos produzidos. Essas tecnologias não são privilégio só daqueles que estão trabalhando em ciências agrárias, não são só objeto de preocupação das instituições de pesquisa que estão no campo das ciências agrárias; é um objeto de preocupação de toda a indústria, em todo o mundo. Do lado das ciências agrárias, todos já sabem do impacto que as pesquisas de fixação de nitrogênio em soja teve na redução do consumo de nitrogênio em soja, e este impacto deverá ser maior ainda. Todo o mundo sabe que as descobertas científicas na área das gramíneas estão muito próximas de criar uma tecnologia que também deverá economizar nitrogênio.

Sabe-se também, da preocupação que existe com tecnologias de manejo de solos, de utilização do calcário, de redução do consumo de fósforo por unidade de produto, e etc. Todo o mundo sabe da preocupação de se recobrar, de se recuperar muito daquele cuidado existente na agricultura do mundo, principalmente na agricultura européia dos séculos XVII e XVIII, com a adubação verde, a utilização de resíduos da cidade e do matadouro; quer dizer, há, no fundo, um movimento no sentido de criar tecnologias que aproveitem subprodutos que tenham a capacidade de substituir fertilizantes.

A indústria sabe que a maneira que ela tem de ampliar as suas vendas é baixando os custos dos fertilizantes, não o custo absoluto, mas o custo em relação aos produtos. Há, por isso, uma preocupação no sentido de criar tipos de fertilizantes que tenham uma capacidade de aproveitamento muito maior pelas plantas. Evidentemente, fixando-se a demanda, toda essa tecnologia, seja do lado das ciências

agrárias, seja do lado da indústria, tem uma capacidade de reduzir o consumo de fertilizantes por quilo de grãos produzidos. Virá também a tecnologia de irrigação; não há como um país da dimensão do Brasil fugir da tecnologia de irrigação. Essa também diminui o consumo de fertilizantes por quilo de produto.

Os países que têm estabilidade na alimentação do seu povo, e aqueles que têm uma dimensão populacional do tipo da do Brasil possuem áreas irrigadas muito maiores, substancialmente maiores, quem sabe, até com exagero de linguagem, infinitamente maiores do que as do Brasil.

A Índia já está irrigando 42 milhões de hectares; saiu da ameaça de uma fome catastrófica, nas décadas de 50 e 60, para uma situação de pequeno exportador de alimentos. A China, segundo dizem as estatísticas, já está irrigando cerca de 50 milhões de hectares. O México, os Estados Unidos, a Tailândia e uma série de outros países que, na realidade, conseguiram construir um grande excedente de alimentos, de uma forma ou de outra, estão fundamentados nas técnicas da irrigação.

Agora, as técnicas de irrigação têm uma capacidade muito atrativa para a indústria de fertilizantes. Atraem uma agricultura sofisticada, que leva a um consumo de fertilizantes muito maior, numa primeira fase. Mas, na segunda fase, temos que saber que a irrigação tende a tornar mais eficiente o fertilizante, no conceito de quilos de fertilizantes por quilo de grãos produzidos. O que quero dizer é o seguinte: se nós fôssemos gerar a mesma produção numa área de sequeiro, vis-à-vis uma área irrigada, acabaríamos consumindo mais fertilizantes na área de sequeiro, se os agricultores estivessem dispostos a correr o risco de enfrentar os vagares da cultura de sequeiro e lá colocar fertilizantes adequadamente.

Mas, a tecnologia, no fundo a composição tecnológica, vai puxar tanto do lado do setor industrial quanto do lado do setor das ciências agrárias, para uma composição tecnológica que vai tornar os fertilizantes muito mais eficientes e, se mantivermos a mesma produção, é claro que vamos consumir menos fertilizantes, para essa mesma produção. Entretanto, como estamos num quadro de aumento da produção, há a possibilidade de se neutralizar esses efeitos negativos, e assim expandir o consumo de fertilizantes no Brasil.

Não vamos aumentar, substancialmente, o uso de fertilizantes nas áreas que já estão sendo fertilizadas. Esse aumento deverá ser procurado por uma campanha e por uma divulgação inteligente, por um conjunto de informações que realmente permita aos nossos agricultores compreender o valor dos fertilizantes. Primeiro, nas regiões onde o consumo de fertilizantes é baixo; segundo, nos produtos onde o consumo de fertilizantes é baixo; terceiro, entre a grande maioria dos agricultores brasileiros que, via de regra, não aplica fertilizantes nas suas terras, ou os aplica muito pouco.

Também há o setor de pecuária. Acredito que o setor de pecuária brasileiro, principalmente o setor da pecuária de leite, deverá passar por uma grande transformação. Dificilmente teremos condições de conviver, por um período muito longo, com a pecuária de leite extensiva. A pecuária de leite extensiva não tem condições de oferecer leite a preços e a quantidades suficientes para a população. Acho que a pecuária de leite brasileira também caminhará em direção a conceitos que estão ligados à necessidade premente de se aumentar a produtividade do leite por hectare, na medida em que as nossas terras se tornam cada vez mais caras e na medida em que o custo do transporte vai inviabilizando as bacias que estão a longas

distâncias dos centros consumidores. Portanto, acho que também a própria pecuária de leite, que praticamente não demandou fertilizantes, tornar-se-á uma nova atividade do futuro; será um grande consumidor de fertilizantes. Por isso, acho que a estratégia de divulgação bem como a estratégia de informações encontra um quadro positivo do lado da demanda, embora encontre algumas dificuldades no que tange aos substitutos de fertilizantes. Mas, mesmo assim, a situação de maior peso pende para a expansão do consumo de fertilizantes, na sociedade brasileira. E, dentro deste quadro, é evidente que todos nós (a indústria, o pessoal de extensão, o pessoal do governo de um modo geral e o pessoal de pesquisa), que estamos trabalhando com um interesse maior em alimentar melhor o povo brasileiro e ainda exportar mais alimentos, devemos procurar construir uma estratégia no sentido de permitir que realmente a expansão do consumo de fertilizantes, a aplicação de fertilizantes, se proceda nas direções que a economia brasileira está indicando como as melhores.

Basicamente, esse era o conjunto de idéias que gostaria de trazer aqui.